

J. FERNANDES MASCARENHAS
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

O VINHO DA FUSETA
NA
ECONOMIA DO ALGARVE
(SUBSÍDIOS)

J

Separata do jornal
«POVO ALGARVIO»
1 9 5 4

J. FERNANDES MASCARENHAS
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

O VINHO DA FUSETA
NA
ECONOMIA DO ALGARVE

(SUBSÍDIOS)

J

Separata do jornal
«POVO ALGARVIO»

1 9 5 4

DO AUTOR

Por terras do Algarve

Ensaio de História e Arqueologia

DO AUTOR:

Aspectos da Revolução Nacional — 1937.

A Casa do Algarve em Lisboa — 1938.

*Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica
— 1941.*

*O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da
vida econômica do Algarve no século XVIII — 1942.*

*Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a
sua restauração) — 1943.*

No Rumo da Educação — 1944.

*A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos
documentos — 1950.*

Por terras do Algarve — Ensaio de História e Arqueologia:

*D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira
— 1952.*

*A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem
e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira
— 1954.*

*O vinho da Fuseta na economia do Algarve (Subsídios)
— 1954.*

I

OS VINHOS do Algarve eram outrora muito apreciados e com certa reputação nos mercados nacionais e estrangeiros. Entre eles contavam-se os da sua zona do sota-vento, aos quais faz referência o primeiro foral de Tavira, outorgado em 12 de Junho de 1266 por El-Rei D. Afonso III.

Por esse documento reservou o rei para si e seus sucessores meio morabitino por cada tonel de vinho de Tavira ou de seu termo que os vizinhos dessa localidade comprassem e um morabitino por cada tonel aos que não fossem vizinhos. Ao mesmo tempo dispensou do pagamento desse tributo os que comprassem vinho de Tavira para uso no seu termo e os almudes que se dessem em Lisboa da portagem respeitante ao vinho que saía por mar, excepto durante os três meses considerados de respeito ⁽¹⁾.

Repare-se que os vinhos eram também do termo de Tavira, a que nessa época pertencia a maior parte da freguesia de Moncarapacho, separada da de Santiago de Tavira em 1471, no tempo do bispo de Silves D. João de Melo, contando 100 fogos ⁽²⁾ e a Fuseteta, englobada na área da freguesia de Moncarapacho, nem sequer constituiria um núcleo populacional com tal denominação ⁽³⁾.

Por outro lado, A. de Sousa Silva Costa Lobo, no seu notável trabalho *História da Sociedade em Portugal no sé-*

(1) Registado no Livro 1.º de Afonso III, fls. 97 v., da Torre do Tombo, e transcrito por Damião Augusto de Brito Vasconcelos em *Notícias Históricas de Tavira*, Lisboa, 1937, págs. 21 e 22.

(2) *Chorographia do Reino do Algarve*, João Baptista da Silva Lopes.

(3) *A origem do topónimo Fuseteta e a sua evolução*, J. Fernandes Mascarenhas no «Correio do Sul», de 10 de Setembro de 1953.

culo XV, referindo-se à vida económica de Tavira e seu termo, escreve as seguintes passagens bem elucidativas:

«Tavira era um porto comercial, que, na primeira metade do século XV, mantinha relações com Bruges, sem dúvida para exportação das suas fructas e vinhos, que, em capítulos de 1447, a villa dizia serem a sua principal produção agrícola. O viajante allemão Nicolau de Popplau, ou Popielevo, que a visitou em 1484, conta que, na extensão de duas milhas antes de chegar à villa, se viam do mar figueirais e olivedos, tão espessos como uma selva; e que ahí encontrou muitos negociantes de Flandres, que faziam compra de uvas e figos»⁽¹⁾.

Quanto a provas documentais sobre a existência de vinhas nesta região, muitas existem, dos princípios do século XVI. As escrituras de aforamentos falam-nos em vinhas na freguesia de Moncarapacho, sobretudo no sítio dos Murtais, parte destas, segundo algumas das mesmas escrituras, também do termo de Faro, da Casa da Rainha, a não muita distância da zona onde se encontra localizada a Fuseta.

Numa dessas escrituras menciona-se o aforamento de uma vinha de vara velha a Lourenço Anes, tanoeiro, e a Guiomar Gaga, sua mulher, moradores na aldeia de Moncarapacho, termo de Tavira, pelo qual pagavam a Nossa Senhora da Graça da dita aldeia, 300 réis brancos.

Essa vinha partia com a «canada que vem para o mar, e para a serra, partindo mais com vinha de António Vaz Curuche (sic.), e da outra parte com vinha dos sobrinhos de Domingos Vaz Curuche (sic.), e por fim do mais com vinha de Gaspar Dias, e com quem de direito deve de partir»⁽²⁾.

O documento, em pública forma do século XVII, é de 9 de Dezembro de 1529. E a alusão a uma vinha de vara velha é a prova de que a vinha era muito anterior ao ano em que foi lavrada a escritura.

E mais adiante diz ainda a referida escritura: «e para o

(1) Ob. cit., 1904, pág. 145.

— Vindo a Tavira muitos negociantes da Flandres, é de admitir que algumas tábuas de pintura dos seus numerosos templos tivessem essa origem e, na Flandres, houve excelentes pintores. Tavira era nessa altura a terra mais importante do Algarve e de maior população, Segundo Costa Lobo, Lagos também muito importante, tinha 1.310 fogos na vila e 453 no termo; Faro 873 fogos na vila e 572 no termo. Loulé 536 na vila e 476 no termo; Silves 240 fogos na cidade e Tavira 1.567 fogos na vila e 478 no termo.

(2) *Escrituras da Fábrica de Moncarapacho*, livro 2, folhas 86 a 88.

pacho, Fuzeta, Kelfes e Olhão, que constituem um centro vinícola, cujos vinhos são conhecidos com a denominação de Fuzeta... Os principais centros productores de vinhos maduros são: Alto Douro, etc... Fuzeta e Portimão»⁽¹⁾.

Embora fazendo ligeiras confusões, entre as quais escrevendo Kelfes em vez de *Quelfes*, como sempre se escreveu, o capitão Gerardo A. Pery dá-nos uma ideia da importância do vinho dessa zona.

José Avelino de Almeida, no seu *Dicionário Chorographico*, diz que o vinho da Fuzeta é o «mais especial de todo o Algarve».

Na obra monumental do Professor de Tecnologia Agrícola B. C. Cincinato da Costa, sob o título o *Portugal Vinícola*, publicada em 1900, diz-se a respeito dos vinhos do Algarve:

«Têm fama pela sua solida compleição alguns vinhos do Algarve, como, por exemplo, os da Fuzeta, que são muito apreciados pela sua elevada graduação e bastante corpo. A indústria vinícola também não tem sabido até hoje aproveitar os excelentes recursos de que lhe seria facil lançar mão para conseguir produzir como lh'o permitem as excelentes condições naturaes que ahi se realisam (págs. 438). Fuzeta constitui o seu principal centro vinhateiro, ou pelo menos o mais afamado. D'ahi saem vinhos fortemente aguardentados para as lotações do commercio de exportação. São d'ahi as afamadas geropigas com que se preparam alguns vinhos beneficiados. Mas alem d'este centro vinhateiro importante, o Algarve tem hoje grandes plantações para o lado occidental, em Villa Nova de Portimão, em Lagôa e termo de Albufeira; e mesmo nas proximidades de Faro, em Quelfes e Moncarapacho, tem vinhas de alguma importância» (págs. XLVI).

No *Guia de Portugal*, 2.^o volume, págs. 253 escreve-se: «Fuzeta goza de fama de importante centro vinícola. A casta dos vinhos mais apreciados do Algarve empresta ela, porém, pouco mais do que o seu nome, porque é fora dos limites da freguesia que essas vigorosas vinhas se desenvolvem, nos terrenos de Quelfes e de Moncarapacho, sobretudo».

Mais recentemente no volume I, do *Reconhecimento dos Baldios do Continente*, publicado em 1939, págs. 311 e 312, escreve-se:

«Ocupa êste concelho (referindo-se ao concelho de Olhão) o segundo lugar, em importância relativa, na produção de

(1) Ob. cit., págs. 104.

amendoa (120 toneladas), batata (mais de 2.000 toneladas) e vinho (quasi 2.500 pipas) — são afamados os da Fuzeta, de grande fôrça alcoolica e que melhor se designariam por de Moncarapacho, por serem produzidos nesta freguesia».

As informações, quer do *Guia de Portugal*, quer do *Reconhecimento dos Baldios do Continente* são, quanto à localização das vinhas que dão o vinho da Fuzeta, as mais exactas, todavia, as restantes mostram bem a importância dessa produção vinícola.

A própria legislação, como é óbvio, também se lhe refere.

Assim, no Decreto de 1 de Outubro de 1908, publicado no Diário do Governo n.º 226, de 7 do mesmo mês e ano, que regulamenta a produção de vinhos, diz-se no seu capítulo II:

«Vinhos de Pasto — Artigo 15.º. Para todos os effeitos legais são considerados vinhos de typo regional os que a tradição firmou com as designações usuaves de Collares, Bucellas, Dão, Bairrada, Borba, Torres, Cartaxo, Alcobaça, Douro (virgens), Minho (verdes), Amarante, Basto, Monção e *Fuzeta* (o sublinhado é nosso). § 1.º — Só podem considerar-se, e como taes expostos à venda, vendidos, armazenados, expedidos, ou exportados, com as designações indicadas, os vinhos de pasto provenientes das respectivas regiões, e aos infractores serão applicadas as penas cominadas aos falsificadores de generos alimentícios... § 3.º — À fiscalização do Estado compete averiguar se os vinhos de pasto, exportados ou consumidos no país, correspondem às designações com que forem denominados, nos termos da lei vigente e dos regulamentos d'este decreto».

Era chefe do governo, nesta altura, o comandante Ferreira do Amaral.

Quer dizer, o Artigo 15.º do citado decreto considerou o vinho da Fuzeta como um vinho de typo regional, visto a tradição o ter firmado através dos anos com semelhante categoria, prova evidente da sua excelente qualidade.

A vinha dá-se muito bem nesta região, quer na zona litoral, quer em grande parte no barrocal, especialmente na freguesia de Moncarapacho.

As uvas, pelo seu excelente aroma e elevado grau sacarino, muito se prestam ao fabrico de vinho generoso do tipo Málaga.

A propósito dos vinhos do Algarve informa Adrien Balbi: «dans l'Algarve on fait d'excellens vins blancs»⁽¹⁾.

(1) *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, Paris, 1822, Tome I, pages 151.

Por outro lado, o ilustre catedrático Professor Doutor Gonçalves Pereira, quer nas suas lições, quer na conferência que pronunciou em 1934 na Faculdade de Direito da Universidade de Bordeus, também se referiu com elogio aos vinhos do Algarve.

Porém, todos os vinhos desta província do sul ricos, é certo, em álcool, são pobres em tanino e ácidos orgânicos, mas de fácil correcção, afirma o ilustre engenheiro agrónomo Alexandre de Sousa Figueiredo, professor do ensino agrícola, nas suas *Breves Indicações Práticas para o Melhoramento da Fabricação dos Vinhos do Algarve*, em cujo interessante trabalho se trata da vindima, desengace, pisa, fermentação, envasilhamento, depuração, trasfego, colagem e filtragem ⁽¹⁾.

Vítimas da invasão da filoxera e completamente abandonadas aos caprichos dos homens, nem sempre conhecedores das boas tradições da vida dos povos, para aí têm andado as vinhas que dão o chamado vinho da Fuseta, aos baldões da sorte.

Embora sejamos pouco consumidores do sumo da videira, saívo para acompanhar, com conta e medida, as nossas refeições diárias, ainda tivemos o ensejo de saborear desse néctar fabricado por proprietários da região, nalgumas festas de carácter oficial, em que, num gesto de bom bairrismo, se substituiu o clássico «Porto de honra», por um «Regional de honra».

III

É a altura de perguntarmos: sendo este tipo de vinho tão apreciado por que não se valoriza? Não seria ele mais um elemento apreciável na economia do Algarve, agora que tanto se fala e se escreve sobre turismo, esta nova indústria em que os suíços são verdadeiros mestres?

Analisemos os seguintes quadros, organizados com base na *Estatística Agrícola*, publicada pelo Instituto Nacional de Estatística:

(1) Ob. cit., Lisboa, 1873, págs. 4.

Produção vinícola do Sotavento do Algarve no decénio de 1943-1952
(em hectolitros)

Concelhos	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	Total no decénio
Total	4.868	13.500	4.534	4.919	6.276	3.864	3.589	6.363	8.016	3.839	59.768
Alportel . . .	1.200	3.221	660	756	1.484	784	875	1.211	1.206	304	11.701
C. Marim . . .	229	381	287	325	335	20	165	80	403	76	2.301
Faro	816	2.555	1.240	1.141	1.313	1.101	870	2.414	2.758	1.421	15.629
Olhão	1.948	5.019	1.321	1.629	1.523	1.090	1.012	1.238	1.542	934	17.256
Tavira	493	1.784	832	915	1.359	719	570	1.245	1.907	938	10.762
V. R. S. Ant.º	182	540	194	153	262	150	97	175	200	166	2.119

Produção vinícola do Sotavento do Algarve no decénio de 1943-1952
(em percentagem)

Concelhos	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	Total
Alportel	24,7	23,9	14,6	15,4	23,6	20,3	24,4	19,0	15,0	7,9	19,6
Castro Marim	4,7	2,8	6,3	6,6	5,3	0,5	4,6	1,3	5,0	2,0	3,8
Faro	16,8	18,9	27,3	23,2	21,0	28,5	24,2	37,9	34,4	37,0	26,1
Olhão	40,0	37,2	29,1	33,1	24,3	28,2	28,2	19,5	19,2	24,3	28,9
Tavira	10,1	13,2	18,4	18,6	21,6	18,6	15,9	19,5	23,8	24,4	18,0
V. R. St.º Ant.º	3,7	4,0	4,3	3,1	4,2	3,9	2,7	2,8	2,6	4,4	3,6

Se atentarmos na produção vinícola do sotavento do Algarve, constatamos que apesar de todas as restrições ao plantio da vinha no sul do País, o montante no decénio de 1943-1952 no concelho de Olhão foi o mais importante de todos os concelhos dessa zona do Algarve, bem como o montante de quase todos os anos do mesmo período, sinal evidente que a área do referido concelho tem condições especiais para a cultura da vinha.

Durante esses dez anos, produziram-se no concelho de Olhão 17.256 hectolitros de vinho; no de Faro 15.629; no de Alportel 11.701; no de Tavira 10.762; no de Castro Marim 2.301 e no de Vila Real de Santo António 2.119.

A seguir em quantidade, como se vê, foi o concelho de Faro.

Sobre o número de explorações que cultivam a vinha, seguindo o conceito de exploração agrícola proposto pela F.A.O. ⁽¹⁾, diz-nos o primeiro volume do *Inquérito às Explorações Agrícolas no Continente*, executado em 1952 pelo Instituto Nacional de Estatística, que em 2.675 explorações do concelho de Olhão 409 declaram cultivar a vinha; em 3.828 de Tavira 253; em 2.591 de Faro 214; em 1.322 de Castro Marim 163; em 1.415 do Alportel 147 e em 340 de Vila Real de Santo António 120.

Isto sem tomarmos em consideração o número de videiras dispersas, indicado também no referido inquérito.

Tal superioridade no número de explorações agrícolas que, no concelho de Olhão cultivam a vinha, mostra-nos a aptidão natural do mesmo concelho para este género de cultura. Evidentemente que em relação aos outros concelhos dessa zona do Algarve, porquanto a vinha no norte e centro do País tem condições muito superiores e, por consequência, um maior desenvolvimento.

De igual modo o número de lagares de vinho é também o mais elevado no concelho de Olhão, pois, segundo o mesmo inquérito, havia em 1952 nesse concelho 12 de prensa e 4 de varas, no de Faro 11 de prensa e 3 de varas, no de Tavira 6 de prensa e 2 de varas, no de Alportel 2 de varas, no de Vila Real de Santo António 1 de prensa e no de Castro Marim movimento nulo nas duas modalidades.

Estamos em crer que na *Adega Regional Cooperativa* recentemente fundada em Tavira, iniciativa a todos os títulos digna dos maiores louvores, seria talvez de tomar em conta a produção vinícola do concelho de Olhão procurando-se que, tratada à parte, desse o tipo de vinho da Fuseta, tão afamado noutros tempos.

Técnicos abalisados deveriam estudá-la sob os vários aspectos, para que amanhã, sendo possível, pudesse surgir de novo no mercado esse vinho de que ainda se fala em Lisboa e pelo País fora, tal a boa tradição que deixou.

(1) «*Exploração Agrícola* — é todo o conjunto de terras utilizadas no todo ou em parte para a produção agrícola ou pecuária, submetidas à direcção ou gestão de uma só pessoa — que as pode cultivar só ou com a ajuda de outras pessoas — qualquer que seja o título jurídico da posse e a área e localização das terras que se considerem; estas podem ser constituídas por várias parcelas separadas, uma vez que sejam compreendidas na mesma unidade técnica e económica». (*Inquérito às Explorações Agrícolas no Continente* — Nota introdutória, págs. V).

Composto e Impresso na
Tipografia «Povo Algarvio»
TAVIRA